



Olhares de gênero sobre a pandemia de Covid-19: aspectos da cobertura jornalística dos portais independentes *AzMina* e *Think Olga*

Valéria Laroca¹⁶

Karina Janz Woitowicz¹⁷

Resumo:

O presente artigo apresenta os resultados da pesquisa de Iniciação Científica realizada junto ao Grupo de Pesquisa Jornalismo e Gênero, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, que teve como tema a cobertura jornalística de veículos com viés feminista sobre o período da pandemia de Covid-19 no Brasil. Foram analisadas, de forma qualitativa, 32 reportagens produzidas pelo portal *AzMina* e oito reportagens do *Think Olga*, de janeiro a dezembro de 2020, a partir de critérios envolvendo aspectos próprios das produções. A pesquisa teve como objetivo principal demonstrar como o jornalismo alternativo e com enfoque de gênero atuou na cobertura da Covid-19, construindo narrativas sobre as mulheres, com abordagem interseccional.

Palavras-chave: Jornalismo; Gênero; Mídia alternativa; Ciberfeminismo; Interseccionalidade.

Abstract:

This article presents the results of the Scientific Initiation research carried out with the Journalism and Gender Research Group of the Ponta Grossa State University, which had as its theme the journalistic coverage of vehicles with a feminist bias on the period of the Covid-19 pandemic in Brazil. 32 reports produced by the *AzMina* portal and 8 reports by *Think Olga* from January to December 2020 were analyzed qualitatively, based on criteria involving aspects of the productions. The main objective of the research was to demonstrate how alternative journalism and with a gender focus acted in the coverage of Covid-19, building narratives about women with an intersectional approach.

Keywords: Journalism; Gender; Alternative Media; Cyberfeminism; Intersectionality.

16 Estudante da 4ª série do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Atuou como bolsista de iniciação científica da Fundação Araucária (PIBIC/UEPG) e atualmente integra a equipe de bolsistas do projeto de extensão Elos – Jornalismo, Direitos Humanos e Formação Cidadã. E-mail: vlaroca0@gmail.com

17 Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Programa de Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, é uma das coordenadoras do grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq. E-mail: karinajw@gmail.com

INTRODUÇÃO

No ano de 2020, os veículos concentraram seus interesses na cobertura da Covid-19 no mundo. Entretanto, os critérios utilizados pela mídia não convencional, como a alternativa e a feminista, bem como o tipo de abordagem presente nas reportagens sobre o vírus, foram fatores decisivos para a escolha dos portais *AzMina*¹⁸ e *Think Olga*¹⁹ como objeto de análise.

A abordagem utilizada na pesquisa engloba aspectos da comunicação alternativa, compreendida por Peruzzo (2009) como uma produção de viés questionador e reflexivo que proporciona aos leitores uma visão ampla e crítica, bem como de um jornalismo contra hegemônico e feminista, pois “representa possibilidades de utilização da comunicação para o fortalecimento do movimento e para a luta pela igualdade de gênero” (WOITOWICZ, 2019).

O ativismo nas mídias alternativas, praticado pelos dois portais, está intimamente ligado a práticas de propagação de conteúdo nas redes sociais, principalmente o ciberfeminismo, que, segundo Dutra (2018), é um fenômeno nascido na década de 1980 que permitiu às mulheres uma aproximação de vivências, um reconhecimento de liderança e de demandas independente das distâncias.

Assim, o diferencial militante promovido pelo jornalismo com enfoque de gênero permitiu a portais como *Azmina* e *Think Olga* uma visão diferenciada das consequências pandêmicas no cotidiano, já que, ao focar a doença, uma ampla gama de temáticas foi aberta. A profundidade de reflexão e a crítica proporcionadas pelo jornalismo contra hegemônico possibilitou aos dois sites uma série de reportagens sobre assuntos pouco observados naquele contexto.

Ao longo do texto, são apresentadas algumas bases teóricas relacionadas ao jornalismo com perspectiva de gênero, que são tomadas para a observação das reportagens produzidas pelos portais *AzMina* e *Think Olga* sobre a pandemia no ano de 2020. Após uma apresentação da estrutura de cada veículo, necessária para identificar os eixos de cobertura e atuação, são apresentados os resultados finais do levantamento realizado na base de dados dos portais. A partir de uma seleção das reportagens, a pesquisa enfoca as temáticas predominantes publicadas no período e identifica a presença da interseccionalidade como um aspecto da cobertura. Desse modo, os resultados possibilitam uma reflexão sobre a prática do jornalismo com enfoque de gênero e suas contribuições para problematizar a realidade desigual vivida pelas mulheres.

JORNALISMO COM ENFOQUE DE GÊNERO: ALGUNS PARÂMETROS

Portais de notícias com viés de gênero se propõem a produzir e disseminar conteúdos inclusivos de forma efetiva. Segundo Santos e Miguel (2019), o jornalismo com enfoque de gênero abre espaço para assuntos que não seguem a mesma lógica dos meios hegemônicos. Seguindo na mesma perspectiva, para Mano (2017), a comunicação comercial e capitalista, que detém uma maior abrangência de público, atua como um meio que destaca estereótipos e invisibiliza a mulher.

Como alternativa aos parâmetros sexistas impostos na mídia hegemônica, a autora menciona quatro fatores que devem ser levados em consideração na produção de um jornalismo com enfoque de gênero:

As fontes e o ponto de vista – recorrer às nossas próprias fontes confiáveis; já que as oficiais reproduzem o imaginário sexista reinante; a linguagem – repensar o uso gramatical genérico do masculino; a utilização de imagens – ter um equilíbrio numérico

18 Disponível em: www.azmina.com.br

19 Disponível em: <https://thinkolga.com/>

entre fotografias de protagonistas masculinos e femininos; evitar os papéis tradicionais; e o valor/posicionamento da notícia (MANO, 2017, p. 9).

Dentre todos os elementos citados por Mano (2017), a linguagem com perspectiva de gênero torna-se divisor básico para a produção de um jornalismo não sexista, uma vez que, segundo Dutra (2018), a linguagem é um fator de afirmação do patriarcado presente na sociedade: “A dominação masculina, naturalizada nas consciências e nos pensamentos, interiorizada, por meio da linguagem enquanto estrutura de representação, produz significados que regulam as práticas sociais, influenciando o comportamento e a conduta, refletindo nos aspectos reais” (DUTRA 2009, p. 20).

Como complemento ao pensamento de Zeila Dutra, para Silva (2010), o gênero está implícito tanto nas relações sociais, quanto no tratamento utilizado na imprensa:

A linguagem é um caminho que permite compreender também como os gêneros são dotados de sentido, e os reflexos disso nas relações de poder e de saber. Pela linguagem também podemos perceber a normatização do masculino como a forma genérica para se referir a homens e mulheres (SILVA, 2010, p. 57).

Outros aspectos citados por Mano (2017), como a escolha de fontes e o cuidado com a representação de mulheres em notícias, de modo a não perpetuar o machismo e o patriarcado, são apresentados por Hasan e Gil (2016) como preocupações de um jornalismo protagonizado por mulheres. As autoras reconhecem a necessidade de revisão de certos pressupostos da objetividade jornalística, pois as práticas profissionais têm o masculino como o centro da ação.

Esses aspectos foram tomados como referência para a análise do jornalismo praticado pelo portal da revista *Azmina* e pelo site *Think Olga*, com o propósito de identificar modos diferenciados de construção das narrativas capazes de tensionar os paradigmas hegemônicos do jornalismo e colocar em pauta as demandas das mulheres a partir de uma perspectiva inclusiva.

AZMINA E THINK OLGA: JORNALISMO CONTRA-HEGEMÔNICO E FEMINISTA

Para uma maior aproximação com os portais e a identificação das ferramentas utilizadas nos sites *Azmina* e *Think Olga*, a pesquisa partiu de uma etapa exploratória realizada durante o período de um mês, que contribuiu para observar as dinâmicas de produção dos veículos, bem como um padrão para o tratamento das temáticas. Além disso, o contato com os portais e as redes sociais a eles vinculadas possibilitou o conhecimento sobre a trajetória dos veículos, seus modos de financiamento, perspectivas editoriais, entre outros aspectos.

De modo a selecionar um número viável de matérias para análise no período de janeiro a dezembro de 2020, foi escolhida uma reportagem por semana utilizando os critérios estabelecidos. O primeiro deles foi a determinação do formato reportagem, em seguida, como maneira de setorizar ainda mais o número de reportagens, foram selecionadas apenas matérias relacionadas à temática da Covid-19 e suas consequências nas diferentes realidades. Seguindo um esquema metodológico de análise qualitativa, baseado no referencial teórico relativo ao jornalismo com perspectiva de gênero, as reportagens selecionadas foram divididas nas seguintes categorias temáticas: raça, direitos sexuais/reprodutivos, saúde, violência, economia/trabalho, ciência e política, bem como, a abordagem interseccional: mulheres negras, pobres, indígenas, LGBT, pardas e “não presente”, através de uma tabela no Excel.

Após a leitura e identificação das abordagens interseccionais e da temática que mais se destacava nas matérias foram feitos gráficos que possibilitaram um panorama geral, tanto para entender os assuntos mais tratados dentro do cenário pandêmico, quanto para reconhecer o trabalho e a dinâmica de produção de um jornalismo com viés de gênero. Ao todo, foram coletadas 32 reportagens do veículo *Azmina* e oito reportagens do *Think Olga*.

REVISTA AZMINA: A PANDEMIA EM PERSPECTIVA INTERSECCIONAL

A revista *AzMina* foi criada em 2015 a partir de um financiamento coletivo e conta, atualmente, com uma equipe de mais de 20 mulheres que compõem os domínios: direção, equipe, colunistas e voluntárias. Partindo para uma análise dos aspectos visuais, o *site* possui um *design* que prioriza o cenário imagético, dando destaque às principais matérias e atualizações.

O portal da revista engloba aspectos editoriais a partir de um *layout* dividido nas seções “Política”; “Violência”; “Saúde”; “Feminismos”; “Opinião” (possui subdivisões elencadas para cada colunista); “Mais” (inclui outras temáticas abordadas no portal, como o esporte) e “Divã d’AzMina” (espaço interativo onde as leitoras podem enviar *e-mails* com relatos que se relacionam com as temáticas do veículo). Estão em destaque outros espaços importantes como “Instituto Azmina” que atua com cinco frentes de ativismo: jornalismo, tecnologia, palestras, campanhas e consultoria; “Quem somos”, que explica a história da iniciativa através de uma barra de rolagem; “Penhas”, que atua como um aplicativo facilitador no enfrentamento da violência contra mulher; “Elas no Congresso”, área interativa que possui filtros de interesse em que leitores podem buscar nomes de deputadas e senadoras, partidos e o seu desempenho por meio de um infográfico; “Mapa das delegacias” indica os departamentos policiais especializados em violência contra a mulher em cada estado do país; e “Portal da transparência” mostra a preocupação da ação coletiva em manter abertas ao público suas despesas, impostos, custos de serviço e doações. Do lado direito da plataforma estão *linkadas* todas as redes sociais do *site*. A frequência de publicação varia de quatro a cinco postagens semanais nos formatos de reportagens, pesquisas, entrevistas e infográficos.

A revista *AzMina* mantém presença nas redes sociais, principalmente no Instagram @revistaazmina²⁰. A presença efetiva do veículo nas mídias sociais demonstra versatilidade nos formatos de conteúdo, pois, em um mesmo tema do *site*, são criadas versões para o Instagram.

De acordo com Hasan e Gil (2016), não apenas as temáticas desenvolvidas no jornalismo com enfoque de gênero é que o definem como não sexista; aspectos como a profundidade de reflexão também são considerados. Com base nesse princípio, as 32 reportagens selecionadas passaram por um processo de análise não somente das temáticas em destaque, mas do modo de construção de cada uma delas. Como produto dessa sistematização, obteve-se um total de oito reportagens com o tema “violência”, nove com o tema “política”, quatro com o tema “direitos sexuais e reprodutivos”, três com o tema “raça”, quatro com o tema “economia/trabalho” e uma reportagem sobre ciência, ilustradas no gráfico 1, a seguir:

20

Em agosto de 2022 o Instagram da revista contava com 106 mil seguidores e um total de 1.920 publicações.

Gráfico 1: Temas predominantes na revista AzMina



Fonte: autoria própria, 2022.

A evidência do tema “política” é interessante ser analisada quando se recorre à explicação de Peruzzo (2009), com relação à comunicação alternativa. Segundo a autora, essa categoria é “um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa” (PERUZZO, 2009, p. 49). Ademais, a construção do tema “política” no veículo *AzMina* foi feita de maneira questionadora e reflexiva, não apenas para externar as problemáticas vigentes no ano de 2020 com relação ao governo na pandemia, mas também para criar junto ao público um sentimento de reflexão, ajudando-o a buscar suas próprias conclusões.

Seguindo na mesma visão, os temas “violência”, “direitos sexuais e reprodutivos” e “saúde” mostram outra segmentação do jornalismo com enfoque de gênero, pois, conforme Woitowicz (2019), a geração de conteúdo informativo varia de acordo com as demandas e lutas das mulheres, logo, entende-se a necessidade de tratar das três temáticas em um ano pandêmico, em que o acesso aos direitos das mulheres foram restringidos e dificultados.

Apesar da temática “raça” se sobressair em três das reportagens, é necessário atentar-se ao fato de que, indiretamente, todas as matérias continham uma narrativa antirracista que, unida ao gênero, exemplifica a argumentação de Mano (2017). A autora explica os parâmetros utilizados pela mídia convencional que tendem a invisibilizar as mulheres, principalmente negras, o que não ocorreu no site *AzMina*, mostrando que o jornalismo com enfoque de gênero trabalha com “parâmetros diferenciados das mídias tradicionais [...], assumindo características próprias” (WOITOWICZ, 2019, p. 69).

Por conseguinte, o tema “Economia/Trabalho” tratou as questões apresentadas de forma interseccional, uma vez que mostrou as consequências do coronavírus, desenhando uma rede de problemáticas que ilustravam seu impacto nada democrático na vida das mulheres unindo raça, classe e território. A ciência, apesar de ganhar destaque em apenas uma das reportagens, ramificou-se por todas as outras, na medida em que o site *AzMina* utilizou de fontes confiáveis e que possuíam reconhecimento científico.

Em suma, a análise da temática ilustrou, na prática, como o jornalismo alternativo e com viés de gênero oportuniza um olhar próprio com relação à Covid-19 e seus impactos na sociedade. O diferencial

das pautas, a incorporação da perspectiva de gênero e o tratamento em profundidade dos temas revelam algumas características da cobertura realizada pelo portal.

No que tange à abordagem interseccional, dividida de acordo com os critérios de análise da pesquisa entre “mulheres negras”, “mulheres pobres”, “mulheres indígenas”, “mulheres pardas”, “mulheres LGBTQ+” e “não presente”, é necessário salientar a existência de mais de um aspecto na maior parte das publicações. Nas 32 reportagens selecionadas, levou-se em consideração a presença da abordagem interseccional em dados, fontes entrevistadas e discussões citadas nas matérias.

Dentre os resultados, obteve-se um número expressivo de vezes em que a intersecção “mulheres negras” esteve presente, confirmando a premissa de Mano (2017), que menciona o compromisso antirracista e defensor de minorias instituído no jornalismo alternativo. A representação das mulheres negras nas reportagens do site *AzMina* é um ponto importante, já que o pensamento inclusivo vai desde as profissionais, até as fontes entrevistadas, números e discussões específicas para a realidade da mulher negra na pandemia.

A abordagem das mulheres pobres, em sua maioria, vinha acompanhada de outras realidades, como negras ou indígenas, de forma que mostrasse não somente os impactos da falta de renda e desemprego na população em geral, mas também em como tais consequências atingiram diferentes regiões, com diferentes necessidades. As questões relacionadas às mulheres LGBTQ+, em sua maioria, estavam contidas na área de saúde, direitos sexuais/reprodutivos e economia/trabalho, como citado anteriormente e referenciado por Karina Woitowicz (2019). Entende-se que as demandas feministas variam de acordo com a necessidade, neste caso, a discussão promovida pelo portal *AzMina* demonstrava o descaso e preconceito antes da pandemia, que foi agravado por conta do vírus, levando leitores a analisar ambos os cenários.

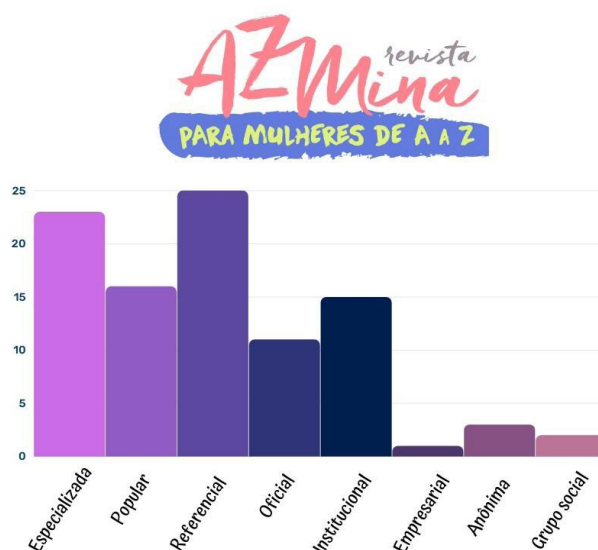
Acerca da falta de abordagem interseccional, ou “não presente” identificados em 40% do total de reportagens, é possível notar em maior número nas matérias sobre política, já que, em casos como o “Mulheres no Senado”, iniciativa do próprio portal, a proposta era analisar projetos de leis ou tramitações governamentais.

De maneira geral, as questões dos impactos da pandemia na vida das mulheres trouxeram impressões interessantes quanto à interseccionalidade no jornalismo de gênero, pois o portal *AzMina* proporcionou diversidade de discussões, mostrando a relevância da imprensa alternativa e independente. De acordo com Woitowicz (2019, p. 70), “os meios de curta duração e de pequeno alcance não são irrelevantes, pois se constata em inúmeras experiências que eles marcaram a história dos movimentos de resistência”. Em relação à cobertura da pandemia, pode-se dizer que os portais feministas independentes estão contribuindo, em alguma medida, para visibilizar as pautas das mulheres e problematizar as condições de desigualdade que se acentuaram neste momento de crise.

Outro aspecto do jornalismo com enfoque de gênero levado em consideração pela pesquisa é a pluralidade de fontes, uma vez que, para uma narrativa mais completa que evite visões hegemônicas, são necessárias diversas versões sobre o assunto. Com relação às fontes coletadas nas matérias, estas foram categorizadas a partir das reflexões e conceitos de Aldo Antonio Schmitz (2011) em *Fontes de Notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo*, setorizando as fontes em nove tipos diferentes: Oficial, Empresarial, Institucional, Grupo/movimento social, Popular, Testemunhal, Especializada, Anônima e Referencial. Ao todo, foram coletadas 96 fontes, sendo 25 referenciais, 23 especializadas, 16 populares, 15 institucionais, 11 oficiais, 3 anônimas, 2 de grupo social e 1 empresarial.

O gráfico 2, a seguir, registra o resultado:

Gráfico 2: Relação dos tipos de fontes nas matérias da revista AzMina



Fonte: autoria própria, 2022.

A partir da tipificação das fontes, algumas conclusões acerca da linha editorial do *site AzMina* podem ser exploradas. Como citado anteriormente, a revista utiliza uma série de recursos gráficos e infográficos para demonstrar, de maneira mais clara, os dados utilizados na reportagem. De tal forma, a evidência da fonte “referencial”, ou seja, documentos ou dados de instituições, condiz com a rotina produtiva do portal, pois a grande utilização de infográficos necessita das fontes referenciais.

Em segundo, a utilização de fontes especializadas demonstra a preocupação do portal em trazer pessoas que possuam uma base teórica para firmar suas opiniões de forma concreta e ética. Um ponto positivo do jornalismo com enfoque de gênero, posto em prática pelo portal, é o número expressivo de fontes populares, que possuem lugar de fala, enquanto detentoras de vivências, e que podem oferecer relatos de vida de acordo com cada temática. Além disso, torna as reportagens mais humanizadas ao relacionar os dados com histórias pessoais.

Com relação às fontes institucionais e oficiais, estas foram necessárias na medida em que temas que citavam órgãos públicos ou que careciam de uma posição institucional eram apresentados. Foi possível notar uma maior presença desses tipos de fonte nos temas “Violência” e “Política”.

No que diz respeito às demais fontes, as anônimas foram utilizadas em uma reportagem especial, em que a preservação da identidade das vítimas foi fundamental. A “empresarial” e o “grupo social” foram utilizadas em complementos de visões de fontes oficiais e institucionais.

THINK OLGA: JORNALISMO NÃO SEXISTA E INTERVENÇÃO SOCIAL

Criado em 2013, o *Think Olga* atua como organização não governamental (ONG) que fomenta projetos de jornalismo com enfoque de gênero e intersecção no feminismo, que visa a construir uma sociedade mais justa com a criação de conteúdos informativos e jornalísticos.

O portal é dividido em oito seções na parte superior da plataforma, sendo elas “Sobre”, que conta a história da ONG a partir de uma linha do tempo com barra de rolagem com os principais acontecimentos desde 2013 até 2018, incluindo campanhas, prêmios, iniciativas, *workshops*, cartilhas,

manuais, série de reportagens e documentário; “Intersec” que traz informações e iniciativas do portal acerca de um feminismo abrangente; “Lab” é um domínio onde se encontram todas as matérias publicadas pelo *Think Olga*, como o especial mulheres na pandemia que trata das temáticas relacionadas à covid-19; “Projetos”, com todas as campanhas, *hashtags* e iniciativas promovidas pelo *site*; “Ferramentas”, que além de trazer pesquisas, conta com cartilhas e manuais para a área da comunicação, intitulado “Mini manuais do jornalismo humanizado”, desenvolvido para colaborar com uma imprensa não racista, sexista, homofóbica e estereotipada; “Jornadas” é um espaço de publicações solucionadoras relacionadas a problemáticas do presente no cotidiano da mulher, para o futuro; além disso, agrega as abas “contato” e “doe”. Ao demonstrar uma preocupação com a inclusão social, o *Think Olga* possui uma acessibilidade em libras.

O *design* do veículo se divide nas cores branca e roxo, dando destaque para o conteúdo ilustrativo, que atua como um fator de atração para as matérias dispostas. Dentre os temas trabalhados no portal estão saúde feminina, maternidade, liderança, economia e violência.

A presença do *site* nas redes sociais é tão evidente quanto a da revista *AzMina*²¹. Foi possível notar, ao longo de todo o período de pesquisa, que o *site* possui maior frequência de postagens no perfil do Instagram, em relação ao portal.

A dinâmica do portal *Think Olga* diferencia-se da rotina de publicações do portal *AzMina*. As estratégias do *site* não são semanais, envolvem *design* e infográficos específicos sobre um tema durante cerca de dois a três meses e são aprofundadas, de acordo com novas descobertas e conclusões sobre o assunto. As temáticas selecionadas são subdivididas em “Exercícios de futuro” (economia do cuidado, saúde da mulher) e “Eixos” de pesquisa: Economia e Trabalho, Mulher e Saúde, Violência contra a mulher.

Todas as vertentes analisadas no portal são subdivisões de uma temática maior: “Mulheres na pandemia”, que visa a compreender os diversos impactos que a pandemia causou na vida e no cotidiano feminino, utilizando critérios de interseccionalidade para ampliar as problemáticas, por exemplo, a pobreza, o racismo, a vulnerabilidade e o machismo. Dos três eixos compreendidos anteriormente, oito reportagens foram coletadas e analisadas seguindo os critérios da metodologia.

O exercício do jornalismo alternativo e com enfoque de gênero baseia-se em algumas premissas com relação às fontes entrevistadas nas reportagens; dentre elas, a diversidade de narrativas. De tal forma, a análise feita para a pesquisa também se ateve ao critério da pluralidade. Para tanto, os três eixos selecionados foram desenvolvidos a partir da classificação de Aldo Antonio Schmitz (2011).

Como produto dessa categorização, obteve-se 23 fontes nos eixos selecionados: seis fontes especializadas, uma fonte popular, oito fontes referenciais, três fontes oficiais, três fontes institucionais, nenhuma fonte empresarial, uma fonte anônima e uma fonte de grupo/movimento social, conforme exposto no gráfico 3, a seguir:

21 Até agosto de 2022, o perfil contava com 95,9 mil seguidores e 1.470 publicações.

Gráfico 3: Relação das fontes nas reportagens coletadas do site Think Olga



Fonte: autoria própria, 2022.

O destaque do tipo de fonte referencial, com relação aos outros, identifica a marca identitária do portal, uma vez que o trabalho aprofundado de pesquisa exige uma grande quantidade de material documental, representado em gráficos e expressões estatísticas. Logo, a utilização de fontes referenciais funciona como parte da construção de identidade do portal, tornando-o reconhecido.

De forma análoga, a evidência das fontes especializadas segue a mesma lógica de familiarização. Por conta de seu caráter analítico e estatístico, o jornalismo trabalhado pelo *Think Olga* utiliza uma maior quantidade de especialistas para tratar das temáticas. Isso se dá pela necessidade de explicação aprofundada dos Eixos de Pesquisa apresentados, já que, ao demonstrar numericamente os efeitos da pandemia na vida das mulheres, são necessárias reflexões sociais.

Todas as outras conclusões numéricas da pesquisa podem ser associadas ao perfil jornalístico do *Think Olga*, como explicado anteriormente. Suas características editoriais podem ser exemplificadas na pesquisa, pela única fonte popular e de grupo/movimento social encontrada. No caso da ausência de fontes populares, parte do jornalismo com enfoque de gênero exemplificado por Mano (2017), no que diz respeito à pluralização de fontes para narrativas mais justas, fica comprometido. A propriedade da fala de mulheres que experienciaram as temáticas discutidas pelo portal ficam restritas somente às publicações do Instagram, já nas reportagens, houve a ausência de discursos de vivência pessoal.

No que se refere às fontes oficiais e institucionais, estas se igualaram em quantidade, pois ambas estavam presentes apenas no Eixo “Saúde da Mulher” e “Violência contra a Mulher”. É possível relacionar essa concentração das fontes aos gráficos apresentados na pesquisa, pois citavam órgãos oficiais e instituições de ajuda e atendimento.

Por conta do perfil editorial do *Think Olga*, como citado anteriormente, a interseccionalidade na representação de sujeitos dentro das reportagens não foi possível de ser analisada, entretanto, há a ligação de temáticas que refletem questões interseccionais de outras formas, como em gráficos e nos “Exercícios de Futuro”.

Dentre os resultados encontrados por meio desta pesquisa, houve a predominância de três eixos de intersecção: mulheres negras, mulheres pobres e mulheres indígenas. O eixo da pobreza ramificou-se para todos os outros, em grande parte não se manifestou de forma isolada, sempre esteve combinado a algum outro tipo de intersecção, como mulheres negras e pobres, mulheres idosas e pobres, etc. Outras realidades de grupo também apareceram nas reportagens do *site*, como “Mulheres com deficiência” ou “Mulheres quilombolas”.

Com relação aos aspectos do jornalismo com enfoque de gênero, a linguagem pedagógica e o viés crítico formador de opinião foram particularidades presentes nas reportagens, já que é uma prática comum do portal presente em outros meios além das matérias, por exemplo o “Mini Manual do Jornalismo Humanizado”, publicado pelo *site* com tópicos do jornalismo com enfoque de gênero, de forma descomplicada.

O ciberfeminismo também demonstrou grande predomínio, não apenas na linguagem utilizada e no questionamento de questões sociais, mas também na própria rede de pensamento crítico que o *site* provoca, uma vez que convida a leitora no fim das reportagens a escrever para o portal, refletir sobre os temas no seu cotidiano e exercitar o feminismo através dos “Exercícios de Futuro”. Esse aspecto corrobora com a descrição de Dutra (2018), no que tange à união de debates virtuais que o ciberfeminismo promove.

AZMINA E THINK OLGA: DIVERGÊNCIAS E APROXIMAÇÕES

O jornalismo promovido pelos portais *AzMina* e *Think Olga*, apesar de possuírem formatos e tratamentos variados, convergem no mesmo ponto: os diferentes impactos do coronavírus na vida das mulheres.

Um dos visíveis pontos em comum que esta pesquisa permitiu perceber é a proximidade de temáticas entre os dois portais. De maneira muito semelhante, os dois *sites* demonstraram empenho em tratar da problemática da violência contra a mulher na pandemia, bem como o enfraquecimento das políticas públicas de segurança das vítimas e a viabilização das denúncias.

A saúde da mulher em específico também foi pauta constante, não apenas no que se refere à saúde com relação à Covid-19, mas questões que já estavam em discussão anteriormente e que se dificultaram com a pandemia, como o aborto legal, a saúde sexual da população LGBTQIA+ e o acesso ao pré-natal para as gestantes.

O desemprego, também abordado pelos veículos, foi tratado de formas diferentes. O portal *AzMina*, além da contextualização, permitiu reflexões a partir de relatos pessoais de entrevistadas. Já o portal *Think Olga* ateve-se ao panorama do desemprego numericamente, de forma geral, mas também setorizada, com gráficos para algumas intersecções.

A pluralidade de abordagens também foi fator de diferença entre os portais: o veículo *Think Olga* apresentou algumas intersecções que a revista *AzMina* não trabalhou, como “Mulheres idosas” e “Mulheres com deficiência”.

Entretanto, os relatos de experiência pessoal trazidos pelo portal *AzMina* intensificaram as discussões nas reportagens, fazendo com que criem uma conexão maior da dualidade portal-leitoras. De tal forma, a ausência desse quesito no *Think Olga* é o que torna evidente as variações entre os dois portais.

Outro quesito que vale ressaltar é a estratégia de contato com o público utilizada pelos dois *sites*. O *Think Olga*, com os “Exercícios de Futuro”, mantém uma ligação com as leitoras, por meio do convite para a reflexão das questões sociais no cotidiano das mulheres, já o *AzMina* exercita o pensamento crítico das seguidoras com o “Divã D’AzMina”, em que se compartilham vivências e criam uma rede de identificação. Por fim, a parceria dos dois portais em algumas reportagens demonstra o caráter do ciberfeminismo no jornalismo de gênero, mas também no perfil complementar dos veículos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos por esta pesquisa possibilitaram perceber as principais características no tratamento da Covid-19 no jornalismo praticado pelos portais alternativos e feministas *AzMina* e *Think Olga*.

Dentre as principais diferenças estão os recortes das temáticas, uma vez que os portais se atentaram a demonstrar os reflexos da pandemia em diferentes realidades, mostrando que a pandemia não agiu de forma democrática, bem como a importância de interseccionar as abordagens para uma narrativa mais justa nas reportagens.

Apesar do portal *AzMina* e o portal *Think Olga* trabalharem de maneiras diferentes, a convergência de temáticas e de visões sobre o mesmo assunto demonstram a troca de reflexões que o ciberfeminismo proporciona no âmbito do jornalismo. A valorização das fontes mulheres, a diversidade de temáticas dos direitos humanos e a preocupação com a construção de uma narrativa mais igualitária validam a estratégia de transformação social proposta pelo jornalismo de gênero.

Portanto, o site *AzMina* e o portal *Think Olga* podem ser considerados uma experiência concreta que materializa os aspectos formulados na literatura sobre jornalismo com perspectiva de gênero, no que se refere à inclusão das mulheres na narrativa jornalística, ao desenvolvimento do olhar de gênero de modo tangencial aos temas trabalhados e à presença da abordagem interseccional. Logo, a cobertura feita pelos veículos atua como um vetor de transformação social – ainda que inicial – no jornalismo brasileiro.

REFERÊNCIAS

- DUTRA, Zeila Aparecida. A primavera das mulheres: Ciberfeminismo e os movimentos feministas. **Feminismos**. v. 6, n. 2, p.19-31, 2018.
- HASAN, Valeria F, GIL, Ana Soledad. La comunicaci3n con enfoque de g3nero, herramienta te3rica y acci3n pol3tica. Medios, agenda feminista y pr3cticas comunicacionales. El caso de Argentina. **Revista de Estudios de G3nero La Ventana**. n. 43. p. 246-280, 2016.
- MANO, Ma3ira Kub3k T. De um jornalismo sexista a um jornalismo com perspectiva de g3nero. **Lutas Sociais**. S3o Paulo, v. 21, n. 39, p. 9-20, 2017.
- PERUZZO, Cic3lia M. Krohling. Conceitos de comunica3o popular, alternativa e comunit3ria revisitados e as reelabora3es no setor. **ECO-P3s**. v. 12, n. 2, p. 46-61, 2009.
- PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articula3o e experi3ncias de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**. v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.
- SANTOS, Let3cia de Faria 3vila, MIGUEL, Katarini Giroldo. Perspectivas digitais na produ3o de conte3do jornal3tico feminista: plataformas e estrat3gias da Revista AzMina. **Anais [...]**. 42º Congresso Brasileiro de Ci3ncias da Comunica3o. S3o Paulo: Intercom, 2019. Dispon3vel em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0392-1.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2021.
- SILVA, M3rcia Veiga da. **Masculino, o g3nero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produ3o das not3cias**. Porto Alegre, 2010.
- WOITOWICZ, Karina Janz. **Periodismo alternativo y militancia feminista: Experiencias de portales digitales con enfoque de g3nero en Ecuador**. Quito: Ciespal, 2019.